

# humanitas

**Vol. XLIII-XLIV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XLIII-XLIV

HUMANISMO PORTUGUÊS  
NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

CONGRESSO INTERNACIONAL  
(Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991)

## ACTAS



COIMBRA

MCMXCI - MCMXCII

**HOMO RHETORICUS**  
**RETÓRICA E DESCOBRIMENTOS**

JOÃO PEDRO MENDES

Um dos períodos mais árdios para a hermenêutica dos historiadores das ideias é, sem dúvida, o que vai do séc. XIII ao XVI. As complexas transformações de mentalidades e atitudes resultam numa visão de mundo que abarca todos os aspectos da vida humana, do indivíduo à sociedade moderna. Mas não sem graves rupturas.

A síntese operada pela escolástica no séc. XIII – o do seu apogeu – dissolve-se na estéril especulação do seguinte. A difusão das ideias nominalistas (Ockham) consequente à quase vitória sobre o realismo tomista, relega, com sua eficácia demolidora, a metafísica para uma esfera inacessível à razão. Esta é desvalorizada, por um lado, ante a dialéctica triunfante e, por outro, em detrimento do voluntarismo que Duns Escoto, mestre de Ockham, erigira em sistema defensor da autonomia da vontade em relação à inteligência. A característica mais saliente do pensamento de Guilherme de Ockham é a negação do carácter objectivo do universal. Só é real o singular, o indivíduo concreto, cuja percepção se dá pelos sentidos. Parafraçando o célebre dito de Cícero em louvor de Sócrates, pelo filósofo inglês a galáxia conceitual (reino da metafísica) baixou do céu e tocou a terra. Não que a luminosa síntese tomista do séc. XIII operasse na abstracção pura, mas o interesse primordial dos espíritos cultos ia para os aspectos sobrenaturais da vida e da história. Razão e fé, baluartes intercomunicantes e solidários na explicação e defesa do dogma, segundo a construção do Aquinense, tinham agora seus campos bem delimitados. O séc. XIV, no entanto, imergiu numa dialéctica abusiva, apelou sistematicamente para o princípio de autoridade e foi minando a capacidade perscrutadora de novos caminhos.

O que, porém, deixou traços mais fundos na história ocidental, por denunciar mutações de consequência na *imago mundi* e uma fecunda ampliação do horizonte cultural, foram as novas exigências impostas pela redescoberta da natureza como

objecto de exame directo. A concepção ockamista faz inflectir a visão do homem e dissociar os pólos sobrenatural e terreno da vida. Está aberta a via naturalista conducente à idade moderna pelo tríplice rumo que explora o cosmos físico (não devassado pela física de Aristóteles nem pela cosmologia de Ptolomeu), se insinua no mundo interior do homem (já entrevisto no séc. XI e sobretudo no XII com Gilberto de Poitiers, Guilherme de Conches e João de Salisbúria, pela escola de Chartres) e passa ao lado da montanha de pressupostos metafísicos, religiosos e místicos que impregnavam as concepções dos séculos precedentes. Surge um novo clima de exaltação dos valores.

Esta mentalidade progride e ganha raízes mediante o concurso de dois poderosos factores que entram em cena: o Humanismo e uma reestruturação global da sociedade na base de comunas e senhorios. A velha escolástica desmorona e as *diuinae litterae* dão lugar às *humanae litterae* como ideal de vida e de cultura, refractando-se em novo meio o eixo teocêntrico em que girava tudo o que ao homem concernia e que doravante assume o primado absoluto. Em termos metafóricos vinculados à realidade histórica e cultural dessa profunda mutação, pode dizer-se que a arquitectura vertical das catedrais góticas, como a linha ascensional dos tratados teológicos (segundo as homologias estruturais de Erwin Panofvsky) cedem à horizontalização do homem preso ao solo, o qual renuncia a olhar o zénite por seu exclusivo interesse residir agora a seus pés.

No afã de ressuscitar valores e gostos, da antiguidade clássica lhe advêm luzes e espelhos, bem como os instrumentos de implantação da nova ordem de viver e sentir.

### *HOMO RHETORICUS*

Comunicar é da essência do homem. Do nível primário da consciência – de si e do outro – à subliminar sofisticação da publicidade. No gesto mais instintivo, no som mais rudimentar que emita, no uso de mecanismos que operam seja informação seja mera sugestão, está presente o mesmo fenómeno de transferência de estados ou intenções, de sentimentos ou volições. O homem comunica-se desde o instante em que haure o sopro da vida, e continua a comunicar-se através do rasto que deixou. Ao articular o pensamento na fala, ele cria o discurso exterior, torna-se *animal lógico* ζῷον λογικόν. A filosofia grega transitou do estudo do cosmos (pré-socráticos) ao

do homem concreto. Mas antes que Aristóteles o definisse como *animal político* ζῷον πολιτικόν, já o seu mestre coloca na boca de Sócrates que só o homem é dotado de *logos* λογιστικόν, em oposição ao simples animal ἄλογον<sup>(1)</sup>.

Já que se mencionam os dois maiores pensadores helênicos, não fique sem dizer que Petrarca e, com ele, todos os humanistas estabelecem forte oposição entre ambos: o Estagirita, quiçá mal transmitido e pouco apreciado graças às traduções árabes, é por eles reputado deselegante, pesado e mau escritor, ao passo que Platão, poeta e artista "travestido" de filósofo, alcança as culminâncias da expressão que sensibiliza e comove, revestindo o pensamento com a dignidade da forma, mas são os latinos, mais próximos e acessíveis, com Cícero à frente, que lhes galvanizam o entusiasmo, "dirigindo e cravando, aceradíssimas e ardentes, as pontas de sua eloquência até as profundezas do coração"<sup>(2)</sup>.

O que tanto empolgava os cultores dos modelos gregos e latinos era, por conseguinte, o formalismo estético das artes e letras. Entre estas, o discurso tinha a primazia. Na sua elaboração, a arte haverá de corrigir ou aperfeiçoar o dom da natureza (*ingenium*). É neste sentido que Quintiliano, fazendo eco à definição de Catão, qualifica a retórica como *bene dicendi scientia*<sup>(3)</sup>. Não basta dizer, é preciso dizer bem, i. e., com técnica e eficácia. E isso é objecto de ensino-aprendizado. Cria-se a teoria do discurso para orientar seu exercício e atingir seu alvo: a mente e a "paixão" do destinatário, que pode ser o próprio emissor (discurso monológico) ou outrem (dialógico).

O pressuposto do discurso retórico é a liberdade do receptor, o qual pode prestar atenção numa escala que vai de máximo a mínimo, acolher ou repelir sugestões, aderir ou opor-se a argumentos, ou muito simplesmente ficar na indiferença. Toda a comunicação retórica visa convencer, reforçar a crença ou lançar a dúvida, que não deixa de ser uma forma de convencer. Os especialistas das teorias da argumentação têm apontado alguns dilemas do processo retórico. Provêm eles do facto de os meios utilizados nesse processo serem, ao mesmo tempo, de natureza racional e afectiva. Diz Pascal que todos sabem da existência de duas entradas das opiniões na alma – suas duas principais potências: o entendimento e a vontade<sup>(4)</sup> – a

(1) Cf. *Rep.* 439 d; 529 d; 582 e; 586 d; *Tim.* 52 c; *Parm.* 135 e.

(2) Petrarca, *De sui ipsius et multorum ignorantia*.

(3) *De institutione oratoria*, II, 15, 34.

(4) "De l'art de persuader", in *Opuscules*, Section II. *Oeuvres complètes*, p. 592.

primeira das quais é a mais natural, que adere às verdades demonstradas, constituindo a segunda uma via indigna, baixa e estranha, quase sempre conduzindo o homem a consentir não pela prova, mas pelo agrado e prazer. Daí decorrem graves questões, como estas:

- será legítimo ornar a elocução com os atavios da fala e do gesto, ou, pelo contrário, o justo será contar apenas com a força dianoética da argumentação?
- o apelo aos sentidos que a comunicação física põe em jogo não toldará a razão, ou será que somente exerce o seu poder mediante uma combinação harmônica e integrada com eles?
- se o objectivo do discurso é a persuasão, como lidar com o problema do verdadeiro e do falso?
- quais as relações entre retórica e ética?
- qual o verdadeiro estatuto da retórica ante as outras disciplinas: seu conteúdo será especializado, concentrado no "momento intelectual dos significados", ou será antes "plurisignificativo e totalizante" (R. Barilli)<sup>(5)</sup>, operando na vastidão dos campos do saber, do agir e do comunicar?

Por outras palavras: atendo-nos à prática medieval do currículo escolar dividido por Marciano Capela e fixado por Boécio no *trivium* e no *quadrivium*, a retórica permanecerá enquadrada no primeiro como saber técnico formal, integrará o segundo como ciência de conteúdo, ou transitará solta entre os dois?

Outras questões poderão ser ainda suscitadas, percebendo-se um estreito nexos em seu encadeamento: a dilucidação de uma tornará claras as demais. *Docere, mouere, delectare* (ou, segundo Cícero, *probare, flectere, delectare*) são as três ordens de finalidades do discurso argumentativo. Na primeira, considera-se exclusivamente o conteúdo epistémico do que é comunicado; nas duas outras, a (falta grego) e a (falta grego), que agem sobre o (falta grego) dos que recebem a comunicação. No processo retórico, a teleologia das três ordens não pode dissociá-las entre si, da mesma forma que no acto humano genuíno não é possível separar os elementos cognitivos dos volitivos ou emocionais, sob pena de retirar-lhes a autenticidade, que vai de par com a liberdade e a responsabilidade. Na expressão de Pascal<sup>(6)</sup>, nele se fundem "vérité" e "volupté", equação de entendimento e vontade.

---

<sup>(5)</sup> *Retórica*, p. 9.

<sup>(6)</sup> *loc. laud.*

Será que o "homo rhetoricus" dos tempos da teorização aristotélica da τέχνη ῥητορική não é o mesmo de hoje, diferindo apenas no *modus* de idênticas dimensões do intelecto e da sensibilidade? Lembra Umberto Eco<sup>(7)</sup> que o problema da nossa época consiste em integrar essas novas dimensões naquelas sobre as quais todos os nossos modos de comunicação ainda se sustentam.

Esta problemática tem tudo a ver com o Humanismo.

### RETÓRICA, ÉTICA E DESCOBRIMENTOS

Desde os alvares da filosofia, a retórica apresenta uma relação ambígua com a ética: positiva, no velho ideal do *orator* como *uir bonus dicendi peritus*, segundo o define Catão; negativa, quando, como arte de lidar com as almas dos ouvintes (ψυχῶν ψωψίαι), se põe a serviço de objectivos moralmente neutros e até mesmo antiéticos (caso dos demagogos).

Estabelecer, manter e ampliar contactos entre os povos é da essência do homem em sociedade.

Ao longo dos tempos históricos, o processamento de todos os contactos deu-se à imagem do fogo devorando a floresta de árvore em arbusto até aos confins. De periferia a periferia foi-se entretecendo a malha de relações. Em menos de meio século bem demarcado (1415-1460), caíram praticamente todos os obstáculos dos caminhos guardados pelo medo e, sobretudo, pela "ciência certa" de sua inexistência. Patentaram-se aos olhos do mundo velho novos espaços de outras gentes e terras, de outros mares e céus. Tais contactos, sobre crescerem distâncias e horizontes, produziram mutações essenciais no interior do homem e na sua percepção do ser.

Se, como teorizam alguns filósofos modernos, o ser do ente é ser desvelado no aparecer ou, noutros termos *ser é ser dito*, instituindo a linguagem em "morada" do ser (Heidegger), nesses quatro decênios e meio, o não-ser ganhou a dimensão do ser, contrariando assim, talvez, a especulação eleática. É claro que isto se perspectiviza da Europa – mais especificamente, da península sudoeste – e abre rumos nunca dantes vislumbrados. Parece mais razoável e concorde com a realidade vivida pelos descobridores a interpretação platónica definidora do não-ser como alteridade, pois o não-ser não será o contrário do ser, e sim um *outro* ser.

---

(7) "O cogito interruptus", in *Della periferia dell'impero*, 1967.

Mas adiantemos o nosso caminho, que navegantes, "tratantes", missionários e aventureiros não cuidavam de lucubrações ontológicas. Neste ponto, vale citar o professor Silva Dias numa acurada distinção: "Enquanto o humanismo constitui um movimento intelectual de superação de um esquema dado de valores e de perspectivas e conteúdos do pensamento, as Descobertas são fundamentalmente uma explosão de vida. O seu nível específico é o da Renascença, com o acréscimo de vitalidade e o espírito activista que esta trouxe consigo e que Burkhardt tão bem pôs em relevo no seu trabalho clássico sobre *La civiltà del Rinascimento in Itália* <sup>(8)</sup>. E o professor Costa Ramalho: "[os humanistas] eram simultaneamente homens de acção" <sup>(9)</sup>. Por obra e vontade de uma ínfima parcela (pouco mais de 2%) da Cristandade, compartimentos estanques entraram em comunicação. À nossa reflexão oferece-se aqui um amplo espectro de questões que vão marcar o futuro das relações entre os povos. Num primeiro momento – o da acção – subjaz ao processo comunicativo uma autoconsciência de posse de valores de toda a ordem que se impõem por si e não carecem de demonstração. O escolho ético reside no pretexto de legitimação dos mais variados interesses. A axiologia presente na mentalidade europeia – que se pretende universal, ou seja, interculturalmente válida – apresenta, por vezes, subtilezas de nota, manifestando-se como elemento decisivo de um processo de auto-ilusão. Nesse caso, a arte retórica não é mais que a *ancilla fallaciae* do sujeito da comunicação, o qual por sua vez, passa a ser vítima do processo auto-enganoso da ética. Tal processo de racionalização observa-se frequentemente no terreno ético (Nietzsche, psicanálise, etc.). A ética tradicional do europeu pretende ser, como já dito, uma ética interculturalmente válida, encastelada em princípios absolutos, incondicionais. Por um lado, o critério de validade ética é um critério *a priori* (vontade de Deus, imperativo categórico, etc.), mas, por outro, esse critério aplica-se a condições empíricas, de modo que sempre será possível que o relativo se apresente sob a máscara do absoluto e que, na consciência do autor do discurso retórico, imperativos hipotéticos surjam como imperativos categóricos.

Neste processo de auto-engano, pode ocorrer interacção da ética e da retórica: um indivíduo está convicto de que os seus actos correspondem ao dever moral universalmente válido. Na condição de especialista, homem de estado, servidor

---

(8) *Os Descobrimientos e a Problemática Cultural do Século XVI*, p. 3.

(9) *Estudos sobre a Época do Renascimento*, cap. XIII. *A propósito do "Amato Lusitano" de Ricardo Jorge*. Coimbra, 1969, p. 187.

público, cumpre determinada função porque serve à humanidade (fim explícito, retórico), sem de facto servir, necessariamente, a si mesmo, ao seu povo, à sua instituição (fim não declarado, real). A retórica do primeiro fim produz uma legitimação ética do segundo, de acordo com os valores predominantes na sociedade. O autor do discurso acredita nisso, de forma que o auto-engano pode conferir à imoralidade as aparências de moralidade. Trata-se de ilusão, mas não necessariamente de perfídia ou cinismo<sup>(10)</sup>.

Foi com tal armadura de boa consciência que, certamente, os descobridores abordaram as novas terras. À medida que faziam retroceder a linha do horizonte, iam-se abrindo as fronteiras interiores dos que, na rectaguarda, eram receptores interessadíssimos em novas, conhecimentos e bens materiais.

A questão reside em que a acção se passa no plano ético, axiológico, e a comunicação dos resultados (que inclui a divulgação, justificação, exaltação e busca de adesão e apoio, ou seus contrapostos: silêncio desviacionista, denúncia, vitupério, repulsa e auto-suficiência), no plano retórico. O equívoco básico dos sofistas consistiu em desconsiderar totalmente o primeiro, não admitindo a relação íntima entre os dois; o de Platão foi menoscabar o segundo, obra de "charlatães", de "vendedores de ilusões".

Na execução da vontade colectiva, ou, se se preferir, da vontade dos estratos dominantes do país, persiste latente, mas actuante, o espírito de Reconquista que orientou os primeiros passos da nacionalidade. Essa vontade colectiva (ou de uma classe) não passaria de uma "forma degenerada de Cruzada", segundo a discutível interpretação de um moderno historiador (Pierre Chaunu)<sup>(11)</sup>. É que esse espírito de cruzada pode ter adormecido, mas sem dúvida revivesceu com a mesma força, talvez maior, numa eclosão incontível de sentimentos e ânsias de partir e voltar. Não parece que se trate de uma retomada a destempo de uma ideia envelhecida e depositada no arquivo da história. Nem tampouco de um movimento inscrito na "longa duração", como querem Chaunu e sua escola. Mas de uma constante que aflora aqui e além no fluxo da consciência nacional. Como quer que seja, o mesmo historiador declara o seu ponto de vista de que o séc. XVI constitui "a maior mutação do espaço huma-

---

(10) Cf. Rafael Herra, "Kritik de Globalphilosophie", p. 27.

(11) *Expansão europeia, do século XIII ao XV*, p. 106, onde cita a bula do papa Eugénio IV e respectivo comentário de Jaime Cortesão sobre tratar-se de "nova empresa contra os mouros".

no"<sup>(12)</sup> e a expansão europeia é "a grande mudança sobrevinda no diálogo do homem com o espaço"<sup>(13)</sup>. Reconhece também que o "mundo se ligou para o melhor e para o pior". Deixando de lado, por extrapolar o âmbito da nossa reflexão deste momento, a questão dos valores na intercomunicação das humanidades postas em contacto pelas Descobertas, atentemos no facto maior da grande mutação: o mundo ligou-se, ou melhor, foi ligado e posto em convívio. Discorrer de causa a efeito é característico do pensamento escolástico medieval; genuinamente humanista é o discurso que faz prevalecer a ideia de relação sobre a de causalidade.

O mundo foi posto em comunicação de dois modos: pelos contactos físicos imediatos e pela informação difundida e comentada que, duma forma ou doutra, encontrava sempre intensa repercussão, suscitando os mais desvairados sentimentos, do espanto e simples curiosidade pelo exotismo, à cobiça e ao desejo de competição, passando pela paixão de saber coisas novas e pelo ciúme e inveja de glórias, riquezas e poder. Em seu discurso ao receber o Prémio Nobel da Literatura (1950), Bertrand Russel falou sobre os desejos politicamente importantes, reduzindo-os a quatro, após notar que todas as actividades humanas são por eles motivadas: ganância, rivalidade, vaidade e sede de poder. Considerou ainda, em segundo plano, a necessidade de excitação e as emoções do medo e do ódio.

Relendo os textos já publicados – dentre muitíssimos que ainda jazem manuscritos nas gavetas dos arquivos –, é fácil verificar o papel do tecnicismo retórico na assim chamada literatura dos Descobrimentos. Temos:

- orações obedienciais, gratulatórias e de saudação ao papa;
- correspondência trocada pelos humanistas;
- relatos de navegações;
- diários de bordo;
- crónicas de campanhas bélicas, de exploração e ocupação;
- textos ligados à administração e missão;
- composições em verso e prosa, praticamente em todos os géneros literários.

Contudo, não foi apenas nos documentos escritos que se exercitou a teoria argumentativa. Para breves considerações, escolhamos um facto de comunicação de enorme retumbância na época, concentrando a nossa análise na sua essência retórica.

---

(12) *Conquista e Exploração dos Novos Mundos*, p. XVII.

(13) *Ibid.*, p. XVII.

Como claramente se deduz da oposição entre Sócrates/Platão e os sofistas, a questão fundamental é a da verdade, questão que envolve a do caminho para ela. Aristóteles procurou a terceira via entre as do verdadeiro e do falso – a do provável, do verossímil, do persuasivo (εὐλόγος, πιθανόλογος), numa palavra, a dos imperativos hipotéticos contrapostos aos categóricos. Ao retor cabe mover-se na zona do crepúsculo para fazer luz no seu auditório (ou trevas, se for este o seu intento). Mas vamos ao facto de comunicação. É o da famosa embaixada de D. Manuel a Leão X, em 12 de Março de 1514, chefiada por Tristão da Cunha. Todos conhecem os relatos. O Prof. Newton de Macedo designa-a de "testemunho flagrante da opulência em que o reino então nadava e da miséria dourada cujos primeiros sintomas se começavam a revelar"<sup>(14)</sup>.

Impressionam o séquito (cerca de centena e meia de pessoas, entre as quais Nuno da Cunha, futuro governador da Índia, Garcia de Resende, como secretário, e Doutores João de Faria e Diogo Pacheco, este orador oficial da embaixada de D. Diogo de Sousa a Júlio II, em 1505), e os presentes oferecidos ao papa, como primícias da navegação dos mares da Índia. Foram convocados todos os representantes diplomáticos em Roma. Descrevendo em carta ao imperador Maximiliano o último presente do cortejo – um pontifical completo –, as palavras do embaixador germânico dão conta do efeito causado. Depois de falar das "sagradas vestiduras": tunica almategas, casulla, capa", todas "teçadas dourado", obra "maravilhosa, sumptuosa e magnífica" (...) "tudo em huma palavra, ha materia era preciosa, mas ha obra ha sobrepujava com espanto". (...) "As perlas e robis eram pequenos, mas em multidão e número mais que infindos". Desde o desembarque às portas do Tibre até Roma, o povo se apinhava curioso e atônito, não obstante o temporal, para contemplar o desfile de gente e animais exóticos (elefante, onça, cavalo persa – e até um rinoceronte, que morrera na viagem e fora empalhado) e uma enorme sequência de dádivas e seus portadores vestidos com trajes orientais. Na solenidade da recepção, o ponto máximo foi o da tradicional *oratio de oboedientia*.

É por demais explícito o "silêncio" da comunicação subliminar, que o monarca pretende com tamanha exibição pública. O auditório é bem universal, no sentido da Chaïm Perelman. Deixemos, porém, as notações sobejamente primárias. O que está de permeio entre o *spectaculum* e o discurso é o problema da verdade e seu oposto. Tendo de reserva a definição aristotélica de entimema como silogismo retórico, podemos falar aqui de uma "retórica do silêncio" que opera no âmbito

---

(14) "Progressos do Absolutismo", cap. XIV, vol. III da *História de Portugal* de Barcelos.

conceitual do que denominaremos "pseudomentira". Fixemos antes o que entendemos por "mentira" *stricto-sensu*: enunciado conscientemente falso, com a intenção de enganar. Ou, empregando os termos de Sutter<sup>(15)</sup>, mentir é "afastar-se de caso pensado do sistema das correspondências socialmente admitidas entre o real e algumas formas de expressão".

Do ponto de vista psicossocial – aqui, o mesmo é dizer, da retórica –, a mentira tem um sentido mais amplo, comportando também, por exemplo, a "pseudomentira", que é um simples jogo do imaginário.

A criança muito nova é incapaz de mentir por ainda não poder discernir o real de suas representações. Para ela, a linguagem possui uma força mágica, não uma função representativa. O modo de pensamento sincrético próprio da criança não lhe permite a escolha entre verdade e mentira. Tudo tem uma função lúdica, sendo a pseudomentira (típica dessa idade) um jogo do imaginário.

Este conceito psicológico de pseudomentira poderá entrar, a nosso ver, na definição de uma vertente importante da arte de argumentar. Retoricamente usado, esse jogo do imaginário não constituiria mera pseudomentira, mas seria, pelo contrário, um jogo conscientemente praticado a fim de semear a dúvida, a probabilidade, entre o verdadeiro e o falso. Pensemos, u. g., na figura da ironia que, segundo Lausberg, é um vício contra a veracidade. Esta ambivalência em relação à verdade pode encontrar-se nas suas diferentes formas: antífrase, eufemismo, sarcasmo.

A modalidade mais grave da mentira é a recusa do real, tanto do ponto de vista psicológico como do retórico. Mentir pode ser uma necessidade vital e social. No caso da mentira social, há motivações muito conscientes; mente-se para evitar um desconforto, desagrado ou punição, ou para buscar uma vantagem, aliviar um sentimento penoso de inferioridade ou culpa e até mesmo para tornar mais verossímil e persuasiva a verdade aos olhos dos outros, para cativar a atenção, por pudicícia, constrangimento ou simples prazer.

O orator é *homo rhetoricus* e *homo logicus* a um só tempo, mas sob esta diferença metódica de operar: enquanto *logicus*, explicita todos os elos do seu raciocínio; enquanto *rheticus*, pode deixar subentender certas premissas universalmente conhecidas.

---

(15) "Le mensonge chez l'enfant", in *Vocabulaire de psychopédagogie*. Paris, PUF, coll. Paideia, 1969, p. 456.

## OBRAS CONSULTADAS

- ARISTÓTELES. *Opera omnia, graece et latine*. Edidit Academia Regia Borussica, Berolini, apud W. de Gruyter et socios, 1941.
- BARILLI, Renato. *Retórica*. Trad. de Graça Marinho Dias. Lisboa, Editorial Presença, [1985].
- CARVALHO, Joaquim de. *Obras*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vols. III e IV, [1982, 1983].
- CASTRO, Aníbal Pinto de. *Retórica e teorização literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra, 1973.
- CHAUNU, Pierre. *Expansão Europeia, do Século XIII ao XV*. Trad. de José Carlos Souza Araújo. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1978.
- CHAUNU, Pierre. *Conquista e Exploração dos Novos Mundos*. Trad. de Jordino A. dos S. Marques e Maurílio J. de O. Camello. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1984.
- CORTESÃO, Jaime. *Obras Completas*. Lisboa, Livros Horizonte, s.d..
- DIAS, J. S. da Silva. *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*. Coimbra, 1973.
- ECO, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Trad. de Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 8ª ed., 1984.
- Epístola do muito Poderoso e Invencível Manuel Rei de Portugal e dos Algarves, etc.* Das Vitórias que obteve na Índia e em Malaca... Reprod. facsimilada, leitura moderna, trad. e notas de Nair de Nazaré Castro Soares. Coimbra, Biblioteca-Geral da Universidade, 1979.
- GUTHRIE, W. K. Chambers. *The Sophists*. Cambridge, University Press, 1971.
- HERRA, Rafael Angel. "Kritik der Globalphilosophie", in WIMMER, Franz, *Vier Fragen zur Philosophie in Afrika, Asien und Lateinamerika*. Viena, Passagen-Verlag, 1988.
- GOFF, Jacques le. *Para um Novo Conceito de Idade Média*. Lisboa, Editorial Estampa, 1980.
- JORGE, Ricardo. *Cartas aos Grandes do Mundo Coligidas por Francisco Rodrigues Lôbo (1612)*... tresladadas do códice do Museu Britânico e editadas com prefácio e notas por. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934.
- MACEDO, Newton de. "Progressos do Absolutismo", in *História Monumental de Portugal*, vol. III, Cap. XIV. Ed. de Barcelos.

- LAFOND, R. *Vocabulaire de psychopédagogie et psychologie de l'enfant*. Paris, PUF, 1969.
- MEDEIROS, Walter de Sousa. *Aires Barbosa. Escorço bibliográfico*. Lisboa, 1953 (texto policopiado).
- MENDES, João. *Literatura Portuguesa I*. Lisboa, Editorial Verbo, 1974.
- MENDES, João. *Teoria Literária*. Lisboa, Editorial Verbo, 1980.
- OSÓRIO, D. Jerónimo. *Carta à Rainha da Inglaterra*. Introd. de José W. de Pina Martins; crítica e modernização do texto, tradução e notas de Sebastião de Pinho. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981.
- PACHECO, Diogo. *Oração da Obediência, que Diogo Pacheco deu ao Santo Padre Papa Leo X, por elRey D. Manoel, e por seu mandado a tirou em linguagem seguindo a ordem do latim, que pode*. Biblioteca Nacional de Lisboa, Fundo Geral, ms. 589, fls. 38v.-43v..
- PANOFSKY, Erwin. *Gothic Architecture and Scholasticism*. Princeton, 1951.
- PASCAL. *Opuscles*. "De l'esprit géométrique", in *Oeuvres complètes*, section II, "De l'art de persuader". Paris, Pléiade, 1954, pp. 592-602.
- PERELMAN, Chaïn. *L'empire rhétorique. Rhétorique et argumentation*. Paris, J. Vrin, 1988.
- PIRES, Diogo. *Antologia Poética*. Apresentação de Américo da Costa Ramalho; introd., trad. e notas de Carlos Ascenso André. Coimbra, 1983.
- PLATÃO. *Opera*. Oxonii, e Typographeo Clarendoniano, tomos I-V, 1973-1975.
- QUINTILIANO. *De institutione oratoria*. Leipzig, Teubner, 1959.
- RAMALHO, Américo da Costa. *Estudos sobre o Século XVI*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- RAMALHO, Américo da Costa. *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*. Coimbra, 1985.
- RAMALHO, Américo da Costa. *Para a História do Humanismo em Portugal. I*. Coimbra, 1988.
- RAMALHO, Américo da Costa. *Estudos sobre a Época do Renascimento*, cap. XIII, "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge". Coimbra, 1969.
- RESENDE, Garcia de. *Oração de Sapiência (Oratio pro Rostris)*. Trad. de Miguel Pinto de Meneses. Introd. e notas de A. Moreira de Sá. Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956.
- RESENDE, Garcia de. *Crónica de Dom João II e Miscelânea*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, com introd. de Joaquim Veríssimo Serrão, 1973.

- RESENDE, Garcia de. *Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introd., texto latino, versão e notas de Virgínia Soares Pereira. Coimbra, INIC, 1988.
- RICHARDS, I. A. *The Philosophy of Rhetoric*. N.Y., Oxford University Press, 1965.
- SEEL, Okko. *Quintilian oder Die Kunst des Redens und Schweigens*. München, Deutscher Taschenbuch, 1987.
- RUSSEL, Bertrand. *As Mais Belas Palavras*, seleccionadas por Eli Behar. Trad. de Agatha M. Auersperg. São Paulo, Hemns, s.d..
- ZELLER, Eduard. *Die Philosophie der Griechen in ihrer Geschitlichen*. Hildesheim, Olms, 1963.